

grátis!

O SAMBA

é meu dom



ANO I Nº 00 - Jornal bimestral- Editado por www.osamba.net - Dezembro de 2007 / Janeiro de 2008 - Preço: 100.000 réis

Zé Katimba

Fundador da Imperatriz afirma que os carnavalescos têm paladar de besouro

PÁGINA 7

A águia quarentona

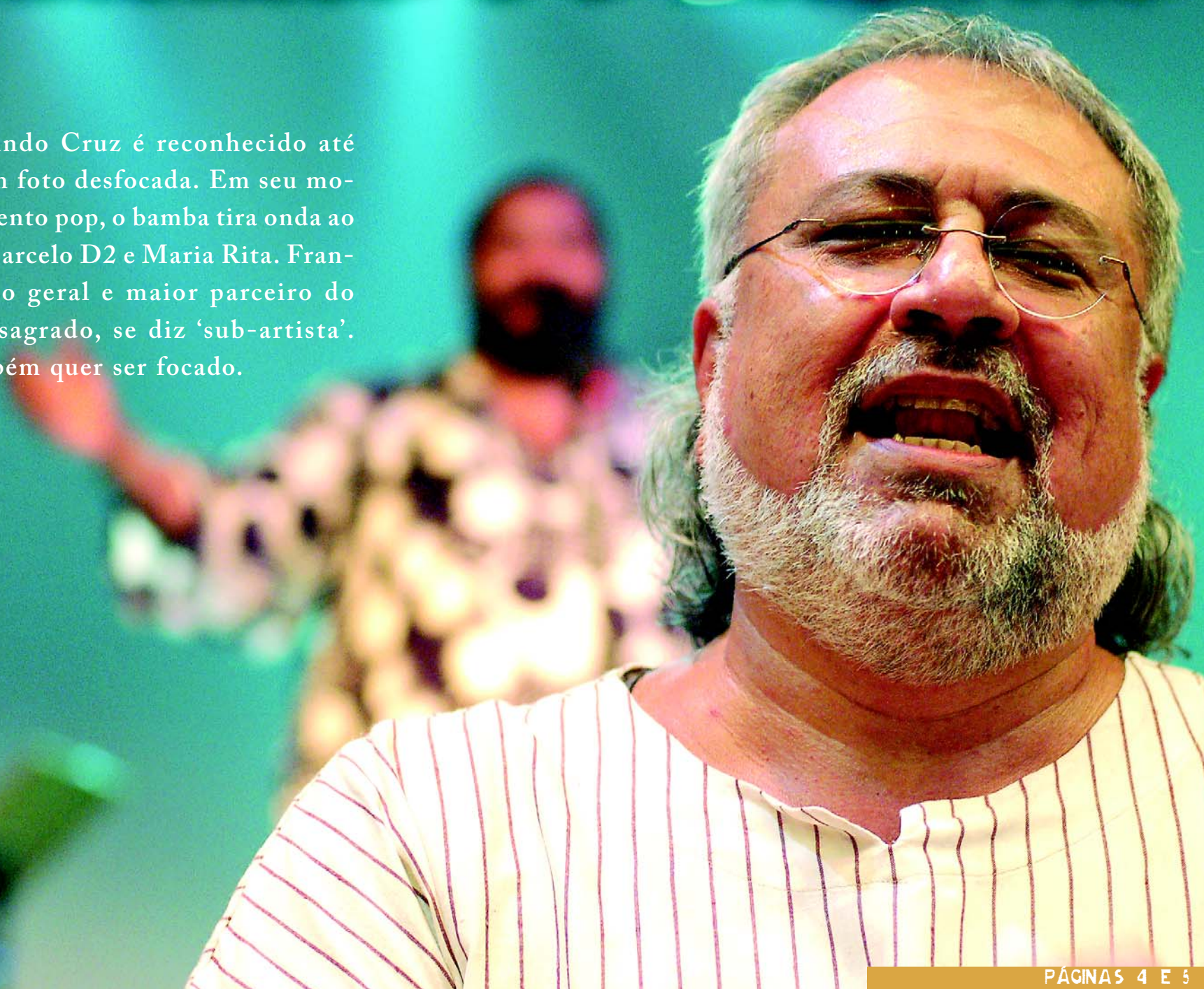
Em 2008, símbolo da Portela completa 40 anos de abre-alas. Sem festa.



PÁGINA 3

O médica e a monstro

Arlindo Cruz é reconhecido até em foto desfocada. Em seu momento pop, o bamba tira onda ao lado de Marcelo D2 e Maria Rita. Franco, clínico geral e maior parceiro do monstro sagrado, se diz 'sub-artista'. Mas também quer ser focado.



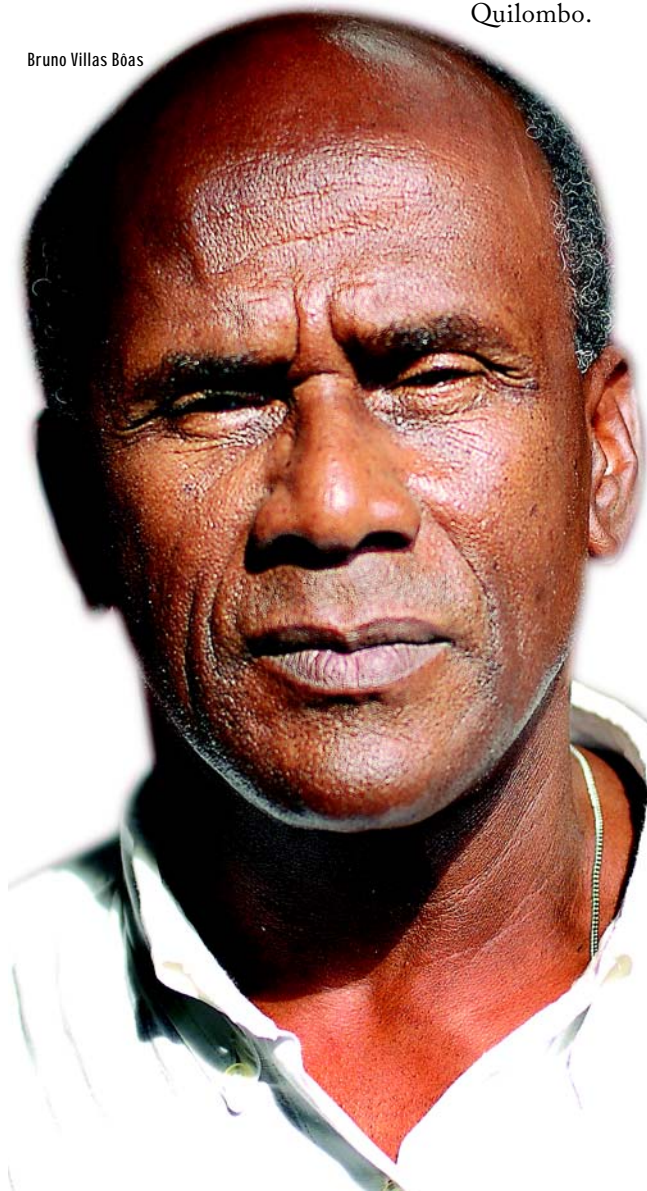
PÁGINAS 4 E 5

Da lamentação à afirmação

Thales Ramos e Thiago Dias

Durante anos, a história do negro foi contada na avenida com lamento. “Sublime Pergaminho” (Unidos de Lucas, 1968) e “Heróis da Liberdade” (Império Serrano, 1969) viraram hinos imortais assim. Mas a fórmula é contestada por quem sempre brigou pelos direitos iguais, independentemente de cor ou posição social. Como Feliciano Pereira da Silva, mais conhecido por Candeinha e discípulo das idéias do mestre Candeia na escola de samba Quilombo.

Bruno Villas Bôas



“Quando cantamos ‘E o negro jornalista, de joelhos beijou a sua mão’ ou ‘Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão’, fica parecendo que a Princesa Isabel é uma heroína. E sabemos que não foi bem assim”, analisa, citando a letra de “Sublime Pergaminho”. Levado para o Quilombo por Nei Lopes em 1979, Candeinha venceu a disputa de samba-enredo logo no ano seguinte, cujo enredo era a obra de Candeia. Com a experiência de três anos como diretor do Instituto de Pesquisas de Culturas Negras (IPCN), ele não poupa nem versos compostos por sambistas intocáveis como Silas de Oliveira. “Não tem como dizer que ‘Heróis da Liberdade’ não é um samba lindo. Mas quando aparece ‘passava noite vinha dia, o sangue do negro corria’ é complicado. Chega de lamento!”, pede.

Quando foi fundado nos anos 70, o Quilombo tinha em seu estatuto a obrigação de pesquisar a história dos negros e exaltar seus personagens. A escola teve como enredo nomes até então pouco conhecidos, como Preto Cosme, João Cândido, Luiza Mahin e Luiz Gama. Apesar da postura pioneira de pesquisa, a agremiação de Candeia não foi a primeira a retratar personagens da cultura afro-brasileira com afirmação, mostrando sua importância histórica e seu caráter de bravura ou pioneirismo. Em 1960, o Salgueiro foi campeão pela primeira vez com “Quilombo dos Palmares”, exaltando a luta de Zumbi. Três anos depois, repetiu o título com “Chica da Silva” e em 1964 cantou “Chico Rei”.

Se as letras pecavam às vezes pela superficialidade e pela infidelidade ao contexto histórico, devemos levar em conta a época em que foram cantadas na avenida. Falamos de um tempo em que a bibliografia sobre o assunto era precária e os compositores tinham como fonte de informação principal os livros didáticos das escolas, que, como sabemos hoje, deturpam e omitem fatos básicos da história da África, como o fato do Egito fazer parte do

continente.

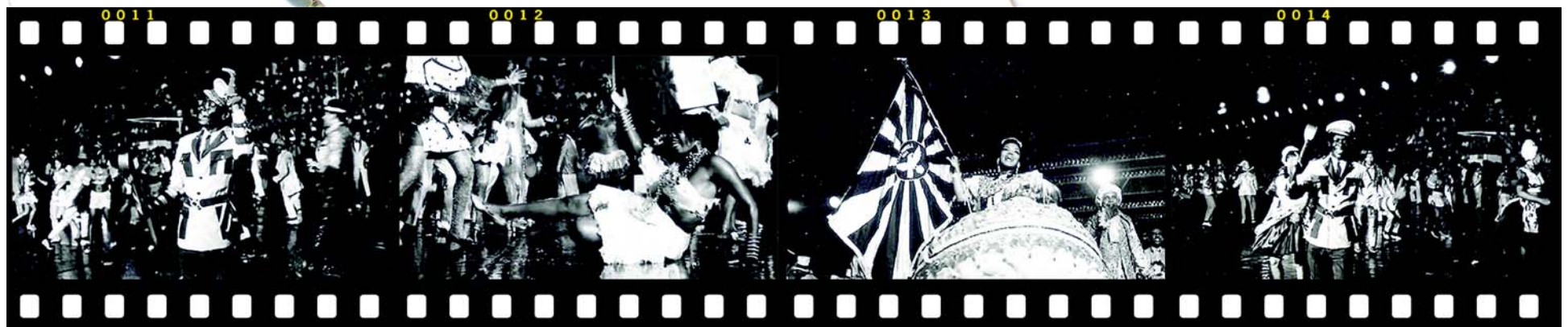
Candeinha compreende e defende os compositores da antiga. “A informação era ruim. O que sei hoje conseguiu a base de muitos seminários e leitura”. Em 1984, seu samba venceu a disputa no Quilombo com o enredo sobre a Rainha Agotimé (tema levado pela Beija-Flor para a Marquês de Sapucaí em 2001). Antes de ler a sinopse de “O Xaxá de Ajuda e a Rainha Mina do Maranhão”, ele nunca havia escutado falar na monarca africana que foi vendida ao Brasil como escrava e instituiu a prática do vodu no Maranhão.

Em 1988, Candeinha viu na avenida parte daquilo que sempre defendeu. Com “Kizomba: festa da raça”, a Vila Isabel foi campeã exaltando Zumbi dos Palmares e pedindo o fim do apartheid. Mas foi da Mangueira a porrada mais forte. “Cem anos de Liberdade, realidade ou ilusão” batia sem dó contra as lamentações: “Livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela”. “Aí já melhorou”, exclama o quilombola abrindo o sorriso, que pode até parecer contraditório com o tema, mas revela a gratidão pela tentativa de acordar o negro. Por sinal, Candeinha se emociona com os versos do mestre Candeia em “Dia de Graça”. “Negro acorda, é hora de acordar, não negue a raça”, cantarola.

O carnaval de 2007 teve Porto da Pedra, Beija-Flor e Salgueiro com enredos afro-brasileiros. A primeira veio com a África do Sul, falando de Nelson Mandela, segregação e repressão. A escola de Nilópolis ratificou a herança genética africana na composição da história brasileira. Com “Candaces”, a agremiação tijuicana foi mais ousada, contando a saga das rainhas guerreiras da África oriental que governaram antes da era cristã e com um refrão lindo em iorubá.

Hoje, com várias fontes de pesquisa e uma informação mais qualificada, não há desculpas para os deslizes cometidos nos carnavais passados. Há que se contar a história do jeito que ela foi vivida. Com dor e luta, mas sem lamentos.

Candeinha Bem antes da Beija-Flor, o compositor já havia contado a história da Rainha Agotimé em samba-enredo



O vôo da águia quarentona

Bruno Villas Bôas e Thiago Dias

O carnaval de 1968 seria apenas mais um dos 18 vencidos pela Mangueira não fosse um detalhe: pela primeira vez na história, a Portela trazia em seu carro abre-alas a escultura de uma águia. O quarto lugar da escola de Natal pouco importa hoje, já que a maior tradição dos desfiles completará 40 anos em 2008. No entanto, o aniversário não deverá receber homenagem na Sapucaí.

“Sabemos dessa data, mas não pensamos em nada ainda para o desfile, por causa do enredo. Atualmente, as escolas buscam a modernidade acima de tudo, o uso da tecnologia. Tem que ter impacto”, disse Cahê Rodrigues, carnavalesco da Portela, ao SAMBA em outubro deste ano.

Porém, segundo ele, os 40 anos da águia não serão totalmente ignorados pela azul-e-branco de Oswaldo Cruz: “Deverá haver alguma comemoração na quadra, durante os ensaios”, completou.

Em 1968, a escola cantou o enredo “O Tronco do Ipê”. A águia, símbolo da Portela desde a sua fundação, veio no abre-alas, bem menor daqueles que estamos acostumados a ver na avenida nos dias

de hoje. Em um arquivo pessoal, o jornal O SAMBA guarda a imagem rara do carro que trouxe a relíquia, disponibilizada nesta página.

No ano que vem, Cahê Rodrigues levará para a Sapucaí o tema “Reconstruindo a Natureza, recriando a vida: o sonho vira realidade”. Como sempre, a Portela faz mistério de como será a águia. Esconder o abre-alas é a grande tradição da escola. “Ela já veio de todos os jeitos”, lembrou o carnavalesco. Até sem asa, quando em 2005 tudo deu errado no desfile e culminou com a Velha Guarda barrada na avenida.

Ele lembra, contudo, da tradição do símbolo maior da escola. “A águia tem uma participação especial na história da Portela. A escola sem ela é inaceitável. O portelense não admite ver a Portela entrar na avenida sem a águia”, acrescentou Cahê, que irá realizar no próximo carnaval seu primeiro trabalho solo na agremiação.

Quarentona, a águia voará mais uma vez na Sapucaí atrás do título que não vem des-

de 1984. Campeã ou não, uma coisa é certa: o carnaval não seria o mesmo se, em 1968, a Portela não tivesse levado para a Candelária a escultura feita por Bira Sargento em seu abre-alas.

Arquivo



domingo é dia de galo!

TERREIRO DO GALO

a roda de samba do galocantô
TODO DOMINGO DAS 17 ÀS 22H

GRAJÁ TÊNIS CLUBE
AV. ENGENHEIRO RICHARD, 83 - GRAJÁ

INFORMAÇÕES
(21) 8712 4697 | 7891 1928
www.galocanto.com

www.marianamansur.com

galo cantô

fina batucada

participações
ARLINDO CRUZ
BETH CARVALHO
DIOGO NOGUEIRA
RILDO HORA
VELHA GUARDA DO IMPÉRIO SERRANO

indicado ao prêmio
TIM 2007 na categoria
MELHOR GRUPO
DE SAMBA

patrocínio

Unimed Rio | ZAMBO



Arlindo Cruz Sambista está beirando a perfeição

O papa do samba é pop

Thales Ramos e Thiago Dias

“Vamos fazer barulho!”, grita o cantor, pedindo palmas. Não, não é Marcelo D2 quem se apresenta no Teatro Rival, no Rio. O artista é Arlindo Cruz, sambista com quase 30 anos de carreira e que agora começa a virar estrela até na MTV. “Anda difícil falar com ele, virou Deus. E falar com Deus é complicado”, brinca Franco, parceiro e compadre do ex-vocalista do Fundo de Quintal.

Amigo de bambas como Zeca Pagodinho, Almir Guineto e Jorge Aragão, Arlindo precisou de amizades mais jovens para se tomar estrela pop. Circulando e cantando com D2 ou Maria Rita, o compositor ganhou fama e mais público.

“Fiquei um pouco mais pop sim”, reconhece em entrevista ao SAMBA, antes do show de lançamento do CD “Sambista Perfeito”. O nome, jura, não é sobre ele, mas sim o sonho de encontrar o bamba ideal. “Tem que ter a luz de Candeia e a parte melhor de Geraldo Pereira. Ser elegante como Paulinho e cativante como Martinho. Malandro e contagiante, como Zeca Pagodinho”, cantarola, tentando lembrar um trecho de sua primeira parceria com Nei Lopes, e que dá nome ao disco.

Arlindo pode até não ser perfeito, mas anda beirando. Tanto que colocou seis músicas no CD da baladada filha de Elis Regina. Faça o que orgulha o músico: “Fiquei lisonjeado, claro. É quase metade do repertório. Foi uma honra”, afirma, dizendo-se ainda fã da mãe de Maria Rita. “Elis não tinha a ginga natural de sambista, mas cantava muito bem samba. Tinha um jeito especial, com muita técnica”, lembra.

Com Maria Rita, Arlindo virou pop e MPB. Sigla que para ele não faz sentido. “O samba é a verdadeira música popular brasileira, não dá para separar. É o ritmo que mais representa o Brasil”,

analisa. Anteriormente, o sambista já teve músicas gravadas pelo MPB 4 e Chico Buarque (“Lugar de cobra é no chão”, com Carlinhos Vergueiro).

MPB não é novidade para ele, mas algo ainda falta em sua carreira. Após sair do Fundo de Quintal, fez dupla com Sombriinha por oito anos e segue, desde 2002, carreira solo. Arlindo faz sucesso como compositor e vê suas rodas de samba sempre cheias. O que falta então? Reconhecimento comercial. “Sou respeitado como músico, partideiro, compositor. Mas com esse disco posso atingir um patamar que eu mereço, como Almir Guineto, Sombriinha, Reinaldo. Ou seja, tocar mais, repercutir mais”, diz.

A pirataria que já o assolou no cinema (sua música “Numa cidade muito longe daqui” acabou sendo retirada da versão final do filme “Tropa de Elite”), também o persegue na carreira. “Hoje, ninguém vende mais nada”, lamenta.

Sem o pique da juventude (“Que saudade dos meus 20 anos”, brinca), Arlindo pede ajuda para levantar da cadeira para tirar fotos. Olha a capa do CD e, como se copiasse a busca do parceiro D2 pela batida perfeita, diz que está procurando o sambista perfeito. Que tenha carteira de trabalho e seja neto de um bamba. Torce que ele esteja na sua casa: “Tomara que meu filho seja assim”, sonha. Arlindo Neto - de bamba! - já segue os passos do mestre, anda compondo e disputou na Mocidade. “Estou louco para ele trazer uma idéia para escrever comigo. Se não trouxer, eu mesmo chego junto!”, avisa Arlindo, pronto para criar seu sucessor. E que continuemos a dizer: “Habemus samba”.



Ouçá trecho da entrevista e veja mais fotos de Arlindo Cruz em www.osamba.net

O rei Roberto

Thales Ramos

Conta minha mãe que, quando eu era bebê, me embalava cantando “Todo menino é um rei” (Zé Luiz e Nelson Rufino). Já nessa época, eu dormia tarde e teimava em varar a madrugada. Mais velho, com 12, 13 anos, escutava o programa de Washington Rodrigues e Hilton Abihian, na Rádio Globo, depois de meia-noite. Foi nele que ouvi pela primeira vez o nome de Roberto Ribeiro. Noticiavam seu falecimento.

Meu pai disse: “Grande cantor, sambava muito bem”. No dia seguinte, a televisão deu pouco destaque, mas confirmava a fala do coroa. Nos noticiários um negão de cabelo black power, sambando miudinho, com muita graça e uma voz impecável. Quem seria então Roberto Ribeiro? Até então, pra mim, mais um sambista que morria precocemente sem o devido reconhecimento. Foi o primeiro esbarrão que dei no homem que viria a ser um ídolo pra mim. Um encontro que futuramente eu saberia não ter sido por acaso.

Nascido em Campos dos Demerval Miranda Maciel, Roberto chegou ao Rio de Janeiro em 1961. Estreou cantando um bolero no programa “Show do Trabalhador”, apresentado por Cid Moreira. Sete anos depois, chegou ao Império Serrano onde fez parte da

ala de compositores e puxou o samba da escola pela primeira vez em 1971.

Nos dois anos seguintes, afastou-se do posto, voltando em 74, onde permaneceu por mais oito carnavais. Nesse período saiu vencedor em duas ocasiões na disputa de samba-enredo. A primeira em 77, com “Brasil, berço dos imigrantes” (com Jorge Lucas). A segunda em 79, com “Municipal maravilhoso, 70 anos de glória” (com Jorge Lucas e Edson Paiva).

Na corte imperial aproximou-se de sambistas que tiveram grande influência em sua carreira como Dona Ivone Lara, Mestre Fuleiro, Aniceto, Mano Décio e Silas de Oliveira.

Mais velho, baixei “Todo menino é um rei” e, aí sim, atentei para o talento de Roberto. Baixei outros discos, pesquisei sobre ele e fiquei apaixonado pela obra do cantor. Cada música era uma descoberta, uma nova paixão. Não sei dizer por quantos dias e horas seguidas escutei “Amor de verdade” (Flavio Moreira e Liette de Souza), assim como não sei dizer a quantas pessoas enviei essa música e disse: “Por favor, presta atenção nessa letra”.

Quando soube que era ninado por um sucesso de Roberto Ribeiro, percebi que minha relação com ele era mais estreita do que poderia imaginar. Até goleiro do meu Fluminense ele tentou ser. E tenho tanto carinho por essa relação que só agora resolvi escrever algo sobre ele. Madrugada dessas (de novo ela), ele pintou cantando “Vazio” (Nelson Rufino) e me encheu de coragem.

Pego o lápis e tento dar o meu melhor. O negão merece. Arrisco-me a dizer que é o maior cantor de samba e, para

mim, um dos melhores que o Brasil já teve. É arrepiante ouvi-lo cantar “Jongo do irmão café” (Wilson Moreira e Nei Lopes) e “Ginga Angola” (Nei Lopes). Dá praticamente para sentir o cheiro da senzala, a força da história negra. Como disse o amigo Thiago Dias neste blog: “Esse Roberto Ribeiro sabe escolher repertório, hein?”. Sabe sim. Estão lá Nei Lopes, Nelson Rufino, Silas de Oliveira, Délcio Carvalho, Chico Buarque, Dona Ivone Lara, Vinicius de Moraes.

O eco de sua voz é tão fabuloso que não há música cantada por ele, que não tenha sido reinventada. Basta escutar “Desalento” (Chico Buarque e Vinicius de Moraes) ou “Bom dia, tristeza” (Adoniran Barbosa e Vinicius de Moraes), pra depois sentir a diferença na voz de outros cantores. “Acreditar” (Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho), cantada em qualquer roda de samba, um hit absoluto, com Roberto é muito diferente.

Mas talvez o melhor exemplo da força de sua interpretação seja “Estrela de Madureira” (Cardoso e Ayr Pimentel), samba-enredo gravador por ele, que foi derrotado na quadra do Império, mas fez mais sucesso que o samba que foi para a avenida.

Quando eu disse que, ao dar de cara com a obra de Roberto Ribeiro, cada música era uma descoberta, não era exagero. Já escutei “Vazio” muitas vezes, mas a redescobri numa madrugada. A música me disse muitas coisas. Entre elas, que Roberto Ribeiro não canta, ele diz.

Pra mim, se tem um Roberto que é rei, o sobrenome dele é Ribeiro.

Com a carimbo do doutor

Thales Ramos e Thiago Dias

Saiu em todos os jornais que Maria Rita colocou seis músicas de Arlindo Cruz em seu último CD. Quase todo mundo ouviu falar que o samba que embala a Globeleza é de Jorge Aragão. Quem curte carnaval canta empolgado o “porre de felicidade” da União da Ilha. Mas o que pouca gente sabe é o nome da pessoa que está por trás desses - e muitos outros - sucessos: Franco Lattari, médico clínico geral e compositor de mão cheia. “Eu não sou artista. Sou um sub-artista, um vice-artista”, diz o doutor para explicar por que é tão pouco conhecido pelo público. “Não faço show, não gravo disco, não vou à televisão. Quem faz isso é artista”.

Compadre de Arlindo Cruz (padrinho de sua filha Nathália), Franco é parceiro do amigo em três faixas do disco “Samba Meu”, de Maria Rita: “Maltratar não é direito”, “Trajetória” (com Serginho Meriti) e “Tá Perdoado”, música da trilha sonora da novela global “Duas Caras”. O compositor não esconde a mágoa quando seu nome não é citado como autor. “Isso me incomoda sim, não vou negar”, afirma. Um exemplo ocorreu na televisão. Em entrevista a Jô Soares, a filha de Elis Regina citou Arlindo várias vezes, mas o nome de Franco não foi ouvido. “Ela é amiga dele, não é minha amiga. Quando o disco saiu, a Maria Rita mandou um telegrama para o Arlindo, agradecendo. Ele é uma pessoa tão maravilhosa que me encaminhou a carta com uma mensagem de que aquilo era extensivo a mim também”, revela.

O ex-integrante do Fundo de Quintal sabe o valor do compadre e faz questão de exaltá-lo. No show de lançamento do CD “Sambista Perfeito”, Arlindo viu o amigo na plateia e pediu para que ele se levantasse. “Para quem não conhece, esse é o meu compadre e parceiro Franco”, avisou ao público.

“Acho que é a pessoa com quem mais escrevi junto. Foi ele quem me incentivou a compor com mais frequência, a produzir sempre”, diz o cantor ao SAMBA. Pelas contas do médico, das 500 músicas gravadas de Arlindo, 100 são da dupla. “É o grande amigo da minha vida, já me deu casa, já me deu dinheiro”, completa o doutor.

Da amizade, nascida há quase 25 anos, Franco passou a conhecer outros bambas e a frequentar o Cacique de Ramos. Foi ainda nessa época que decidiu virar um “sub-artista”. “Um dia eu reparei que estava com minha primeira filha (Ana Carolina), bebê de colo, no Cacique, de madrugada, no frio. O Arlindo a segurava um pouco, depois o Mauro Diniz, depois o Bira Hawaii... Pensei: ‘Bicho, isso está errado. Primeiro porque você é um pai desnaturado. Segundo porque você é médico’. Comecei a ficar mais em casa”, lembra.

Só saía para disputar sambas-enredo na União da Ilha, onde chegou quando ainda era estudante de Medicina. Natural de Laranjeiras, foi para a escola levado pelo colega de faculdade José Mauro Teixeira, filho de um ex-presidente. Oficialmente, ganhou em 1981 (“1910 - Burro na cabeça”), 1991 (“De bar em bar, Didi um poeta”), 1994 (“Abrakadabra, o despertar do mágico”), 1995 (“Todo dia é dia de índio”) e 2000 (“Pra não dizer que não falei das flores”). Mas são dele também “Festa Profana”, de 1989, e “Sonhar com rei dá João”, 1990. “Se o Chico Buarque tivesse criado a expressão ‘vou tomar um porre de felicidade’ estava imortalizado com estátua em praça pública”, gaba-se.

A relação com a União da Ilha é de amor e ódio. Ao mesmo tempo que tem dois dos mais belos hinos da agremiação (“Porres 1 e 2”, como apelida), se diz perseguido pela diretoria “há pelo menos 20 anos”. A briga teria começado quando superou em 1981 o compositor Didi, maior vencedor de disputas da escola, e passou a ser parceiro do mestre Aroldo Melodia. “O Aroldo é meu ídolo, uma referência, e largou o Didi para escrever comigo. Mas aprendi muito com o Didi também. Em 1982 perdi para ele, com o ‘É hoje’. Demorei dez anos para enten-



Bruno Villas Bóas

Franco A bandeira da União da Ilha embeleza a casa do compositor. E os sambas do compositor embelezam a União da Ilha

Sambas de Franco

- **De bar em bar, Didi um poeta**
(Franco - União da Ilha, 1991)
- **Garoto maroto**
(Marcos Paiva e Franco)
- **Globeleza**
(Jorge Aragão e Franco)
- **Festa profana**
(Brito, Bujão e Franco - União da Ilha, 1989)
- **Luz do Repente**
(Arlindo Cruz, Marquinhos PQD e Franco)
- **O Malandro sou eu**
(Arlindo Cruz, Sombrinha e Franco)
- **Miudinho, meu bem, miudinho**
(Arlindo Cruz e Franco)
- **Numa cidade muito longe daqui**
(Arlindo Cruz, Acyr Marques e Franco)
- **Saudade louca**
(Arlindo Cruz, Acyr Marques e Franco)
- **Tá perdoado**
(Arlindo Cruz e Franco)

der à luta do rochedo com o mar’. No samba de 1991, quando eu digo ‘cartilha que eu aprendi’ é sobre o que o Didi ensinou”, conta, lembrando que o enredo do famoso “Hoje eu vou tomar um porre...” era sobre o falecido compositor.

Apaixonado pela União, Franco já foi candidato a presidente e perdeu. Desde 2000 não leva um samba para a avenida e culpa a briga política por isso. “O pessoal das outras escolas sempre diziam: ‘Eu quero samba igual ao da Ilha, que fala em primeira pessoa’. Isso é Franco!”, diz. Ué, isso não seria Ilha? “É Ilha, mas em primeira pessoa é Franco”, responde. Mas o doutor se esquece que em 1978, quando ele ainda nem era da ala de compositores, a União cantou “O Amanhã” todo em primeira pessoa.

O clínico geral tem certeza que é bom no que faz, tanto na arte quanto no ofício. Sonhava se aposentar aos 55 anos, sua idade atual, para viver só de escrever. Com ajuda da companheira Maria Odéia, tenta descobrir as artimanhas do computador. Anda se enrolando, mas já grava em MP3. Divide com o samba o amor pelo Fluminense. Já fez hino e até camisa, que foram devidamente entregues à diretoria. Bom de papo, após quase três horas de conversa, oferece um atestado médico para a equipe do jornal matar o emprego. “Meu carimbo vale”, brinca. E como vale, doutor.



Ouçá música inédita de Franco chamada “Voz do meu desejo” em www.osamba.net

Editorial

O que era para ser um pequeno panfleto para divulgar o blog O SAMBA É MEU DOM (www.osamba.net) ganhou corpo, tamanho, cores e deu origem a este jornal que você está lendo agora. Com menos de um ano no ar, o site recebeu elogios, ganhou milhares de visitantes e despertou em nós, seus criadores - os jornalistas Bruno Villas Bôas e Thiago Dias e os publicitários Emiliano Mello e Thales Ramos -, a vontade de levar às ruas aquilo que escrevemos, fotografamos e ouvimos. O resultado é esta versão impressa, chamada carinhosamente apenas de O SAMBA.

Como dizem Paulo César Pinheiro e Wilson das Neves na nossa fonte de inspiração, aprendemos a gostar de samba com quem fez samba bom. Mário Reis, Vassourinha, Ataufo, Ismael, Jamelão. Com Roberto Silva, Sinhô, Donga, Ciro e João Gilberto. Silas, Zinco, Aniceto, Anescar, Cachinê, Jaguarão. Zé com Fome, Herivelto, Marçal, Mirabeau, Henricão. E muitos outros, alguns retratados nestas páginas, como Franco, Zé Katimba, Walter Alfaiate e Arlindo Cruz.

Nosso sonho era ter PC Pinheiro na capa. Para falar de "O samba é meu dom", saber se a poesia perdeu a guerra nos nomes de favelas ou apenas receber respostas irônicas para perguntas burras, como as tantas que ele está cansado de responder. Insistimos, mas não conseguimos. No máximo, recebemos uma educada e honrosa autorização por telefone para usar o nome da música no blog.

Diferentemente da letra, não é do samba que vivemos, nem tiramos nosso pão.

Mas é dele que vem nosso sorriso. Percebemos que a maioria dos sites especializados dava mais atenção às escolas de samba. Por que não falar daqueles que fizeram a história da música e pouco são conhecidos? Por que não lembrar os desfiles que não saem da memória? Por que não mostrar a cara do compositor que fez o samba que todo mundo canta? São essas perguntas que nos levaram a procurar nomes como Aluísio Machado, Fidélis Marques, Candeinha e Partideiros do Cacique, ou a sentir o coração bater mais forte quando encontramos a foto da primeira águia da Portela. Guinga, nosso primeiro entrevistado, é considerado gênio. Nunca fez um samba. Mas foi amigo de Candeia, por exemplo, e tinha muito o que nos contar. Assim como Rubem Confete, documento vivo do "rei do terreiro".

Queremos fazer um trabalho não só de resgate, mas valorizar aqueles que dão valor ao samba. Por isso, nos arriscamos em fazer o caminho inverso ao que os estudiosos chamam de tendência: em vez de ser um jornal que vira site, somos um site que também é jornal. Blog e versão impressa andarão juntos. Muito do que você vai ler aqui já foi publicado na página de internet. Matérias exclusivas do jornal vão ganhar repeteco no virtual, com áudios ou vídeos para deixá-las mais atraentes e completar o conteúdo.

Neste número 0, botamos o bloco na rua. No terreiro, no bar, gafeira e salão. Já nos perguntaram se temos um projeto. Ele está pronto e chama-se O SAMBA, independente e comprometido apenas com o seu xará. De quadra, de enredo, de roda, na palma da mão, de breque, de partido alto e o samba canção. Porque o samba é nosso dom.

O que estamos escutando

O samba é minha nobreza



O CD duplo é inesgotável. Qualidade musical e uma seleção incrível de sambas. O trabalho agarra pela "seqüência da pancada", de deixar qualquer feminista de cabelo em pé. Também pela elegância, riqueza e qualidade dos músicos. Tem uma rica narrativa da cultura brasileira. Imperdível a faixa "Reza", de João da Baiana.

Projeto de Hermínio Bello de Carvalho

Cristina Buarque e Terreiro Grande



Nada como ligar o rádio e deixar um CD tocando horas e horas sem se preocupar em procurar a "faixa preferida". São quatro blocos de músicas, coladas umas nas outras, levadas com maestria por excelentes ritmistas. O repertório é recheado de personagens históricos, como Paulo da Portela, Manacéa e Silas de Oliveira. Pesquisadora única, Cristina achou em São Paulo a companhia perfeita para imortalizar aqueles que merecem.

Partido Alto Nota 10



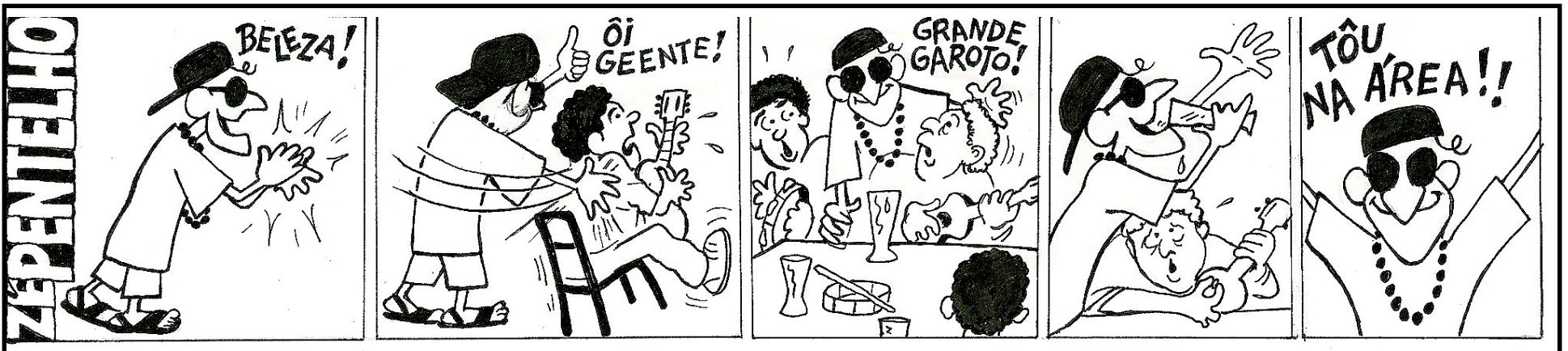
É o segundo e último disco daquele que foi fundador do Império Serrano e é considerado um dos maiores partideiros da história. O álbum tem participações de Dona Ivone Lara, Roberto Ribeiro, Zezé Motta, Martinho da Vila e João Nogueira, a quem Aniceto presta uma homenagem. O trabalho é lindo e, no que diz respeito a partido alto, é mais que uma referência.

De Aniceto do Império

Polêmica - Noel Rosa x Wilson Batista



Trata-se de um documento que imortaliza um dos maiores arranca-rabos da música brasileira. Gravado somente em 1956, o LP traz a seqüência da batalha musical e poética entre o então desconhecido Wilson Batista e o já consagrado Noel Rosa, que durou três anos. É emocionante acompanhar as respostas elegantes e por vezes irônicas do bamba da Vila às provocações. Fundamental para se entender o cotidiano do samba no início do século 20.



Expediente

Tiragem - 5.000 exemplares

Periodicidade - bimestral

Impressão: Diários Associados - Jornal do Commercio

Jornalistas: Bruno Villas Bôas (MTbE - 26505/RJ) e Thiago Dias (MTbE - 27349/RJ)

Desenho gráfico: Marcus Assunção

E-mail: blogsamba@gmail.com

Telefones: (21) 3026-4369 / (21) 9558-8138 / (21) 8157-6056

Paladar de besouro? Com ele não!

Emiliano Mello e Thales Ramos

É de um homem que já compôs clássicos, inspirou personagem de Dias Gomes e que deve faturar uma bolada em cima de Julio Iglesias que vem o aviso: “A escola é de samba, não é escola de alegoria, adereços. Ela perdeu a identidade. O carnavalesco faz com que o jovem hoje tenha vergonha da sua raiz. Carnavalesco tem paladar de besouro: tanto faz pousar no cocô ou na flor, dá no mesmo”. A dura crítica seria mais uma entre mil e poderia ser facilmente atribuída a um “puritano” não fosse Zé Katimba um dos inventores do samba-enredo moderno, além de fundador da Imperatriz Leopoldinense.

O compositor acredita que as escolas perderam definitivamente a identidade a partir da entrada do carnavalesco nos barracões. Apesar de reconhecer a criatividade deles, Katimba observa que esses profissionais alteraram de forma negativa um espaço que desconhecem, deturpando a essência dos desfiles justamente por não terem uma formação dentro do samba. “Não basta ter uma formação intelectual de nível superior”, contesta.

Apesar da bronca, seu amor pelo samba transcende estandartes e barracões. Tanto que já disputou na Viradouro e na Beija-Flor. Na Imperatriz, é autor de hinos antológicos, como “Martim Cererê” e “O teu cabelo não nega (Só dá lalá)”. Filho de um sanfoneiro, autor de literatura de cordel (“Meu pai era um dos bambas”, diz), esperava-se que Katimba seguisse o caminho paterno. Mas foi o samba que gritou mais alto: “Achavam que eu ia fazer forró. Mas sempre que descia o morro para buscar água, recebia aquelas influências do samba pelo caminho”. O sobe-desce na ladeira acabou por levá-lo a fundar a escola de Ramos, quando ainda era adolescente em 1959. Passou por todos os setores, de puxador de corda à presidência.

Em 1972 a Imperatriz desfilou com “Martim Cererê”, que virou sucesso nacional e tema de abertura da novela “Bandeira 2”, de Dias Gomes. Grande Otelo fazia um sambista chamado Bira e já havia gravado quatro capítulos. Após conhecer



Katimba Julio Iglesias, pode deixar o cheque assinado

o compositor, o escritor mudou o nome do personagem para Zé Katimba, e Otelo teve que filmar de novo as cenas.

Quando o assunto é samba, ele é apontado pelos especialistas como um inovador no gênero. “Compararam-me a Silas de Oliveira, um gênio. Procurei então o meu estilo. Fazer um samba mais enxuto, menos descritivo, mas sem perder o conteúdo”, conta. E rendeu. Martinho da Vila foi um dos que seguiram a escola de Katimba e passou a ser seu parceiro mais constante. Nomes como Elza Soares, Jair Rodrigues, Zeca Pagodinho e Simone gravaram a dupla. E também Julio Iglesias, quem Katimba acusa de uma dívida de 150 milhões de dólares. O espanhol gravou “Me ama mô” (Katimba e Martinho da Vila) e não pagou os direitos autorais, como manda o figurino. A pendenga judicial já se arrasta por 15 anos. “Vou investir essa grana numa fundação em prol do samba. Não preciso de muito. Basta um prato de comida que eu faço um feriado nacional. Pra mim, todo dia é carnaval”.

O escritório de Katimba fica em Niterói, onde mora. Mais precisamente no Barroquinho, pequeno bar que já foi reduto de artistas e políticos como Cacique Juruna e Leonel Brizola. Foi lá que ele recebeu O SAMBA, de camisa de botão aberta no peito e sandália de couro pernambucana. Sentado a uma mesa na esquina da rua Mariz e Barros com Gavião Peixoto, nada passa incólume ao seu olhar atento. Dois minutos no local e você entenderá.

“O Zé não sai daqui. Fica naquele orelhão direto. Gasta um cartão atrás do outro”, entrega Silva, proprietário do local há 33 anos. Nascido na desconhecida Guarabira, no sertão paraibano, Zé Katimba era ainda menino quando desceu o litoral a bordo de um navio de cabotagem até o porto do Rio. Ao desembarcar, rumou para o Largo da Batalha, em Niterói, mas logo voltou para a antiga sede do império. Na temporada carioca, fez dos morros do São Carlos e Formiga, na Tijuca, seu lar. Passou ainda por Bonsucesso. Há 35 anos, a saudade de Niterói bateu mais forte e o trouxe de volta à terra do índio Araribóia.

A história merecia uma ópera. A maior delas. A mais popular de que se tem notícia. Para ser contada na avenida, por uma escola. De preferência, sem carnavalesco.

AQUI SEU ANÚNCIO
sai cheio de ziriguidum

blogsamba@gmail.com

O SAMBA
é meu dom

tel (21) 9558-8138

emimello

O alfaiate, na linha do samba

Emiliano Mello*

“Pode deixar a porta aberta, aqui todo mundo me respeita”. A voz veio lá de dentro, enquanto o bamba deitava os jornais do dia na grande mesa de madeira coberta de tecidos finos. O relógio marcava 10h30 da manhã quando O SAMBA chegou no ateliê de Walter Alfaiate, no oitavo andar de um prédio em Copacabana, sobre um centro comercial. “Isso é um verdadeiro zoológico, vocês precisam ver as figuras que moram aqui”, diria o compositor em seguida, referindo-se à “fauna” de tipos cariocas que circula diariamente pelo edifício.

Os melhores, no entanto, estavam colados à parede do pequeno conjugado. A história do samba contada em fotografias. Entre os registros, mestres como Paulinho da Viola, Nei Lopes, Paulo César Pinheiro e toda uma constelação de notáveis sambistas. Havia também um Clóvis Bornay orgulhosíssimo ao lado de Alfaiate.

“Rapaz, como o pessoal caçoa dessa foto! Mas não tem problema”, cai na gargalhada e, rápido, aponta para outra foto em que aparece abraçado a uma Luciana Gimenez exuberante em peitos, lábios escarlates rematando os 34 dentes de porcelana. Ele não é bobo.

Walter Alfaiate faz uma leitura rápida do jornal. Havia saído duas matérias sobre ele naquele dia. Escaldado, certifica-se de que não há erros como de outra feita, quando um jornalista foca pôs-lhe palavras absurdas na boca. Tudo certo. Matéria aprovada, mas faz a pequena confidência:

“Esse lance de estar aparecendo na televisão, no jornal, está me prejudicando um pouco. Veja bem, não estou reclamando. Eu gosto, mas o pessoal começa a ligar achando que você está com dinheiro no bolso. As pensionistas pedem uma grana; se eu dou cem, elas querem trezentos. Aí fica complicado.”

Entre ternos e calças que faz para clientes ilustres como Paulinho da Viola, Monarco, Nelson Sargento e o depu-

tado Chico Alencar o compositor tem se dedicado ao projeto do novo disco, o terceiro de sua carreira, ainda sem nome e linha de repertório definidos. No entanto, é com calma de monge que ele tem encarado o novo trabalho, que aos poucos vai tomando forma através da parceria com o grande Wilson Moreira, com quem divide as composições.

Alfaiate não crê em inspiração divina. Apesar de católico praticante (ele mantém em seu atelier um altar com diversos santinhos de papel colados à parede), acredita que a inspiração advém de um bom momento vivo: “Tenho que estar de bem comigo mesmo, com a namorada, com dinheiro, do contrário não sai porra nenhuma”, confessa, pedindo desculpas depois pelo palavrão.

Pois a idéia é lançar o novo disco somente no meio do ano que vem. Enquanto isso, segue trabalhando seu último álbum, “Tributo a Mauro Duarte”, lançado em 2005. O compositor botafoguense não quer cometer os erros do passado, quando, talvez desacreditando do próprio talento, não batalhou a carreira com muito afinho.

“Fui crooner, na década de 60, de boate em Copacabana e lá havia uma cantora, Alzirinha Brandão, que queria me levar pra rádio, mas eu tremi no alicerce. A verdade é essa”. Fato que passou a mudar em 1998, quando finalmente gravou seu primeiro CD.

O respeito incontestado dos bambas do mundo do samba o ajudou a superar as inseguranças do passado. Seu primeiro disco, “Olha aí”, foi lançado direto em CD quando ele já contava 68 anos, o que o torna, de certa maneira, um filho da era digital.

Hoje, aos 77, Walter Alfaiate encara com admiração as novas tecnologias disponíveis para a música sem qualquer preconceito. Recentemente dividiu o palco com laptops e outros equipamentos eletrônicos no projeto Multiplicidade, do qual saiu entusiasmado.

“Foi ótimo, gostei pra caramba! Não tenho preconceito. A música é um idioma. Só fiz questão de ensaiar, não sou como o Romário”, brinca, sem se importar com qualquer crítica. “Se alguém falou mal, foi por trás. E se vier falar comigo, digo que sou dono do meu nariz. Se eu fosse mais jovem entrava de cabeça nesse troço”, confessou o sambista.

Sobre o funk, a mesma admiração, mas deste somente o balanço e a energia lhe interessam: “Não sou contra o funk, só contra as letras que fazem apologia às drogas, à violência. Se eu não estivesse velho, caía dentro. Mas se eu descer, para subir de novo fica difícil, né?!” , concluiu rápido, arrancando risos dos entrevistadores.

Ao final do bate-papo de quase três horas, pouco antes de posar para a foto que ilustra a matéria, fez a derradeira confidência:

“Adivinha com quem eu gravei no projeto Cidade do Samba, do Zeca Pagodinho? Negra Li. É mole?! Então baba, malandro! Cantei ‘Jura’, de Sinhô. Falava para ela ‘Jura, jura / de coração / para que um dia / eu possa dar-te o amor / sem mais pensar na ilusão’. Quando cantei os versos, falei a sério mesmo”. Não é à toa que o mestre é conhecido como o magnata supremo da elegância.

Walter Alfaiate não dá ponto sem nó. Salve!

*com Thiago Dias, Thales Ramos e Bruno Villas Boas



Walter Alfaiate Aos 77 anos, o sambista mantém a elegância e a lábia da juventude

